

5.

A justificativa da crítica profética: MI 1,11.14d-f

5.1.

Estrutura de MI 1,11

O v. 11, excluindo-se a fórmula do mensageiro, é delimitado pela preposição כִּי que o abre e o encerra.

11a	כִּי מִמְזֶרַח-שֶׁשׁ וְעַד-מְבֹאֵז	A
	גָּדוֹל שְׁמִי בָּגוֹיִם	B
11b	וּבְכָל-מָקוֹם מְקַטֵּר מִגִּשׁ לְשָׁמִי	A'
	וּמִנְחָה טְהוֹרָה	B'
11c	כִּי-גָדוֹל שְׁמִי בָּגוֹיִם	C

O v. 11a abre-se com uma expressão espacial²⁴², que indica algo que está acontecendo em todo lugar, do nascente ao poente. Outra expressão espacial pode ser encontrada em 11b: וּבְכָל-מָקוֹם. A diferença entre 11b e 11a é que em 11b encontramos o acréscimo de duas expressões-chave do versículo como um todo: מְקַטֵּר מִגִּשׁ לְשָׁמִי e וּמִנְחָה טְהוֹרָה. A segunda parte do v. 11a e o v. 11c são praticamente idênticos. A diferença entre os dois é a preposição כִּי que abre o v. 11c.

Nos três primeiros segmentos do versículo 11 é mencionado o “nome”, sempre com sufixo de 1ª pessoa, indicando que o “nome” em questão é o nome de YHWH. A análise da estrutura demonstra, então, que a temática central do versículo é o nome de YHWH. Isso vem expresso claramente na segunda parte do v. 11a e no v. 11c, onde o nome de YHWH é dito גָּדוֹל; também vem expresso em 11b que complementa o sentido de 11a, onde em 11a encontramos apenas uma referência espacial e em 11b essa referência espacial é complementada pela inclusão do que nela se realiza: “incenso” oferecido ao nome de YHWH e uma “oferenda pura”.

²⁴² Embora o termo também possa ser entendido em sentido temporal, como, por exemplo, no Salmo 113,3, parece tratar-se aqui de uma expressão temporal, sobretudo se a mesma for tomada em conjunto com a expressão וּבְכָל-מָקוֹם do v. 11b. Cf. HILL, A., *Malachi*, p. 186.

5.2.

Status Quaestionis da Exegese de MI 1,11

A história da interpretação do v.11 reflete uma grande variedade de opiniões. As opiniões divergem no que diz respeito seja à tradução do versículo pelo presente ou pelo futuro, seja no que diz respeito à referência às “nações” e à “oferta pura” que elas apresentam a YHWH. Podem-se ver abaixo as interpretações que o versículo foi recebendo no decorrer da história de sua interpretação.

a. MI 1,11 como uma predição do sacrifício eucarístico

Essa é uma interpretação cristã antiga, encontrada já na *Didaché*²⁴³, na *Apologia* e no *Diálogo com Trifão*²⁴⁴, de São Justino e, também, em Santo Irineu, na obra *Adversus Haereses*²⁴⁵. Existe um testemunho litúrgico dessa interpretação na liturgia copta, mais precisamente na *Anáfora de São Marcos*²⁴⁶.

b. MI 1,11 como se referindo aos judeus da diáspora

Dentro dessa interpretação encontramos três hipóteses: a primeira afirma que o texto estaria se referindo ao culto em outros templos fora de Jerusalém; a segunda, que tratar-se-ia de uma espécie de “espiritualização do culto”, ou seja, a frequência dos judeus piedosos às sinagogas diáspora para oração e estudo da Torá seria comparada ao culto do Templo; a terceira, que tratar-se-ia de uma espécie de culto oferecida pelos prosélitos.

b.1. Culto em outros templos fora de Jerusalém

Essa tese é defendida, entre outros autores, por Michael Floyd. O autor aceita a hipótese de que a temática do v. 11 possa ser entendida do ponto de

²⁴³ Cf. *Didaché* 14,3. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 357-358.

²⁴⁴ Cf. *Diálogo com Trifão* 117, 2.4. In: Justino Mártir. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 287-289.

²⁴⁵ Cf. *Adversus Haereses* IV, 1.5. In: Irineu de Lião. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 414.419.

²⁴⁶ Cf. STEVENSON, K. *Liturgy, Use of the Bible in*. In: COGGINS, R. J. et HOULDEN, J. L., *A Dictionary of Biblical Interpretation*, London: SCM Press, 1990, pp. 405-406.

vista histórico e reflita a prática de judeus da diáspora que sacrificam a YHWH. Essa prática poderia ser considerada como uma abertura no mundo judaico que começava a descentralizar o culto. O autor baseia-se numa possível referência aos judeus da diáspora em Ez 11,16. Contudo, essa passagem não pode ser aduzida como argumento para afirmar a existência de nenhum templo na diáspora. Pelo contrário, ela afirma que, estando sem templo, YHWH se fez um templo para os israelitas, com certeza no sentido espiritual/metafórico.²⁴⁷

Viberg critica essa tese em primeiro lugar porque ela se apoiaria sobre a possível existência, contemporânea a Malaquias, dos templos de Elefantina e Leontópolis. Segundo o autor, pelo menos com relação ao templo de Leontópolis, a datação é posterior ao texto de Malaquias (algo entre 164-162 a.C.). Além disso, segundo sua interpretação, tal tese não encontraria apoio na semântica do texto, uma vez que, este se refere a sacrifícios oferecidos “pelas nações” e não “no meio das nações”, ou seja, por um determinado grupo presente no meio de nações estrangeiras. Para Viberg, o ponto central do texto é o contraste entre o comportamento atual dos sacerdotes de Jerusalém e o das nações pagãs.²⁴⁸ A mesma oposição a esta tese é feita por Beth Glazier-McDonald.²⁴⁹

b.2. Espiritualização do culto: frequência nas sinagogas da Diáspora

São Justino, no Diálogo com Trifão n. 117, afirma que essa era a concepção dos judeus da sua época. A tradução do Targum corrobora essa interpretação: “*and on every occasion when you fulfill my Will I hear your prayer and my great name is hallowed because of you*”.²⁵⁰ Essa tese é aceita por Swetnam. O autor afirma que a razão de ser da sinagoga era o estudo da Lei e da oração. Segundo ele a sinagoga não estava desligada do Templo, mas

²⁴⁷ FLOYD, M., *Minor Prophets: Part 2*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2000, p. 595; WEYDE, K. W., *Prophecy and Teaching*, pp. 146-149.595; PETERSEN, D.L., *Zechariah 9-14 and Malachi*, pp. 183-184.

²⁴⁸ Cf. VIBERG, Å., *Wakening a Sleeping Metaphor: A New Interpretation of Malachi 1:11*, Tyndale Bulletin [serial online], November 1, 1994;45(2), pp. 297-319. Disponível em: ATLA Religion Database with ATLASerials, Ipswich, MA. Acessado em 31 de agosto, 2012.

²⁴⁹ GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, pp. 55-61.

²⁵⁰ Cf. CATHCART, K. J.; GORDON, R. P., *The Targum of the Minor Prophets*, pp. 230-1 e nota 26.

sua razão de existir estava em relação com o mesmo Templo. Sendo assim, Ml 1,11 queria demonstrar o reconhecimento, por parte do profeta, de que o louvor oferecido pelos judeus nas sinagogas da Diáspora, através da sua oração e do estudo da Lei, é equiparado aos sacrifícios do Templo, e mantém seu valor mesmo quando o sacrifício do Templo não está sendo realizado adequadamente.²⁵¹

b.3. Culto dos prosélitos

As objeções contra a teoria dos judeus da diáspora fez alguns autores se voltarem, segundo Verhoef²⁵², para a possibilidade de o texto se referir aos prosélitos. Os defensores de tal tese sustentam que “todas as nações” são representadas pelos indivíduos crentes presentes em cada uma delas (cf. Zc 14,9).²⁵³ Verhoef apresenta duas objeções a esta tese:

1. As práticas religiosas dos prosélitos não concordam com os termos do texto de Malaquias;

2. O v.11 não se refere a grupos dentro das nações, mas às nações em si.

Todavia, o mesmo referido autor também não exclui totalmente esta possibilidade. Como a conversão dos gentios faz parte de algumas apresentações da escatologia do AT, logo Malaquias estaria apresentando os primeiros frutos dessa era escatológica e visualizando já a sua completude. Para o autor, é possível admitir que, em certo sentido, Malaquias estava se referindo aos judeus da diáspora e aos prosélitos, mas não somente a estes. Este é um aspecto do significado pleno do versículo. A compreensão plena do texto se dá quando o mesmo é visto, segundo o autor, com relação à era messiânica. Verhoef vê a sua interpretação como uma interpretação nova, porque ele conecta a interpretação relacionada à era messiânica com aquela de que a profecia se refere aos judeus da diáspora e aos prosélitos. Ele mantém a tradução do versículo pelo presente, porque o primeiro significado da profecia é atual (judeus e prosélitos), mas ele abraça uma teoria segundo a qual a

²⁵¹ SWETNAM, J., Malachi 1,11: An Interpretation. **CBQ** 31. 1969. p. 207.

²⁵² VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, pp. 222-232.

²⁵³ Como, por exemplo, Blenkinsopp, em sua obra: **BLINKINSOPP, J., Storia della Profezia in Israele**, p. 254.

profecia é, ao mesmo tempo, presente e futura, porque na sua concepção os “primeiros frutos” e a “plena colheita” são concebidos como uma coisa só.²⁵⁴

Verhoef afirma que a sua teoria está de acordo com o AT porque a oferta de sacrifícios continuará sendo segundo a lei.²⁵⁵ Todavia, ele afirma que a sua interpretação transcende a interpretação comum em dois pontos: 1. Os oferentes não são somente os israelitas, mas os crentes em geral ao redor do mundo; 2. O lugar de oferecimento dos sacrifícios não está restrito ao Templo de Jerusalém.

O autor afirma, ainda, que o texto nos lembraria de que em tempos antigos não eram os sacerdotes que ofereciam sacrifícios, mas os membros dos clãs e, particularmente, os seus chefes. Is 66,21 teria profetizado isso com relação aos gentios e Ex 20,24 oferecia a base para a legitimidade da profecia de Malaquias. À luz dessas considerações a profecia estaria em estreita conexão com Pentecostes e a dispensação do NT.

Por outro lado, segundo o autor, o v.11 falaria de uma dupla quebra com relação aos sacrifícios: nacional e local. Toda pessoa, em qualquer lugar, pode oferecer um sacrifício. Os judeus da diáspora e os prosélitos seriam a ponte para o que se realizaria plenamente na era escatológica.

Para Verhoef, por fim, a grande novidade deste versículo residiria no fato que toda a terra se tornaria uma grande Sião, realidade apenas parcialmente revelada em Is 19,19 e Sf 2,11.²⁵⁶

Contra tal tese colocou-se Glazier-McDonald, primeiro por não se saber quase nada a respeito dos prosélitos neste período; depois, porque tal tese assume que o sacrifício aqui seja entendido de maneira espiritualizada, uma vez que Dt 12,5-14 proíbe sacrifícios fora de Jerusalém, mas nada no versículo deixa entrever que se trate de um sacrifício espiritual. Ao contrário, a raiz קטר, segundo a autora, conserva a ideia de um verdadeiro sacrifício que faz subir fumaça.²⁵⁷

²⁵⁴ VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, pp. 230.

²⁵⁵ A mesma interpretação encontramos em Martin Rehm. Cf. REHM, M., *Das Opfer der Völker nach Mal 1,11*, In: *Lex Tua Veritas. Festschrift für Hubert Junker*, Trier: Paulinus-Verlag, 1961, p. 205.

²⁵⁶ VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, pp. 230. pp. 231-232.

²⁵⁷ GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, pp. 55-61.

c. Ml 1,11 como texto escatológico

Alguns autores, não encontrando uma forma de explicar a visão aparentemente positiva de Malaquias com relação ao culto estrangeiro dentro do contexto da Bíblia Hebraica, acabam por afirmar que Malaquias só poderia estar remetendo a um tempo futuro. Nesse sentido, o versículo deveria ser traduzido pelo futuro, uma vez que, segundo a gramática hebraica²⁵⁸, a temporalidade de uma frase nominal, como é o caso do versículo em questão, deve ser determinada pelo seu contexto. Como o contexto, segundo os mesmos autores, não poderia ser aquele do profeta, logo só poderia ser futuro.

O problema de tal tese reside no fato de que o que eles alegam ser um “contexto futuro” é já fruto de uma interpretação. Do ponto de vista gramatical não há nada no entorno do versículo que aponte para o futuro. Ao contrário, parece verossímil afirmar que o objetivo de Malaquias é contrapor tal atitude das “nações” àquela reprovável dos sacerdotes de Jerusalém.²⁵⁹

Verhoef, como visto acima, traduz o texto pelo presente e faz uma conexão entre duas interpretações: àquela segundo a qual Ml 1,11 diz respeito ao culto dos judeus da diáspora e dos prosélitos e a escatológico-messiânica.²⁶⁰

Outra objeção que pode ser posta a esta linha interpretativa é que, além de não aparecer nenhuma figura propriamente messiânica, o texto não define uma situação inaudita seja intra ou transhistórica e também não é dito que um tempo novo será inaugurado com a intervenção de Deus. Ora, estas são características fundamentais da escatologia profética.²⁶¹ O texto estabelece apenas uma comparação entre duas atitudes diametralmente opostas. Com base nisso, o texto não pode ser qualificado como messiânico ou escatológico.

²⁵⁸ Cf. GKC 114f e 116p.

²⁵⁹ Cf. ACHTEMEIER, E., *Naum-Malachi*, pp. 177-181; BALDWIN, J., *Haggai, Zechariah and Malachi*, pp. 246-252; BALDWIN, J., *Malachi 1:11 and the Worship of the Nations in the Old Testament*, *Tyndale Bulletin* 23. 1972. pp. 117-124; REHM, M., *Das Opfer der Völker nach Mal 1,11*, pp. 205-206; McCOMISKEY, T. E., *The Minor Prophets*, pp. 1305-1307; MERRIL, E. H., *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 347; GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, pp. 55-61; GELIN, A. Aggée, Zacharie, Malachie. In: École Biblique de Jérusalem, *La Sainte Bible*, Paris: Éditions Du Cerf, 1948, p. 65.

²⁶⁰ VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, pp. 231-232.

²⁶¹ Cf. LIMA, M. L. C., *Salvação entre juízo, conversão e graça: A perspectiva escatológica de Os 14,2-9*, Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1998, pp. 277-278.

d. Ml 1,11 como referência ao culto pagão

Dentro dessa interpretação encontramos três modalidades: a que defende que tratar-se-ia do culto persa ao Deus do Céu; a que defende que tratar-se-ia do culto oferecido ao Deus principal em cada nação, que seria indiretamente oferecido a YHWH; e a defendida por alguns padres da Igreja e por autores modernos, como Reventlow, a qual afirma que não se trata de uma aceitação pura e simples do culto pagão, mas sim, da sua relação com o culto inadequado oferecido pelos sacerdotes de Jerusalém.

A primeira interpretação é apresentada por autores como Lescow e Lindblom. Se assim for, segundo tais autores, Malaquias teria deixado a “estreiteza” do pensamento judaico, para abraçar a ideia de um “monoteísmo universal” com base no culto persa ao Deus do Céu.²⁶²

A segunda interpretação é dada por Dentan. O autor opta por traduzir o texto no presente e afirma que se trata certamente de uma situação contemporânea ao profeta. Ele descarta a possibilidade de que se trate de judeus da diáspora, uma vez que a expressão inicial “do nascer do sol até o seu ocaso” é territorialmente ampla e não havia judeus em todas as partes do mundo. Ele também alega contra esta tese que o versículo trata de sacrifícios oferecidos a YHWH e isso os judeus só podiam fazer segundo a Lei em Jerusalém e não em outros lugares.

Para o autor, o versículo trata do louvor universal oferecido aos seus deuses pelos pagãos. Este estaria contrastando a sinceridade e a meticulosidade dos pagãos em realizar o culto aos seus deuses com a atitude dos sacerdotes judeus, que demonstravam indiferença no culto de YHWH.

Dentan afirma, ainda, que a atmosfera do Império Persa, com a sua política de tolerância religiosa, teria favorecido esta abertura de Malaquias, considerada pelo autor como “*the most generous estimate of foreign religion to be found in the OT*”.²⁶³

²⁶² LESCOW, T., *Das Buch Maleachi*, p. 90; LINDBLOM, J., *Prophecy in Ancient Israel*, Oxford: Blackwell, 1962, p. 406.

²⁶³ DENTAN, R. C., *The Book of Malachi*, In: BUTTRICK, G.A. et alii (ed), *Interpreter's Bible*, v. VI, New York: Abingdon Press, 1951-1957, pp. 1128-1129; cf. TORREY, C.C. *The Prophecy of Malachi*. **JBL** 17, 1898, p. 8: Para Torrey, Ml 1,11 é uma passagem única em todo o AT que manifesta a crença de que qualquer culto sincero, oferecido a qualquer divindade, em qualquer lugar e por qualquer pessoa, é aceito por YHWH como oferecido a ele.

A terceira interpretação é dada por autores como Teodoro de Mopsuéstia, para o qual, os pagãos, embora de maneira inconsciente, honraram a YHWH ao prestar um culto sincero à sua ou às suas divindades.²⁶⁴ A mesma forma de pensar se encontra em autores como Clemente de Alexandria, por exemplo.²⁶⁵ Para autores modernos como Reventlow e Ralph Smith, o sacrifício dos gentios em diferentes lugares é dito puro quando comparado com os sacrifícios profanados e oferecidos de má vontade pelos sacerdotes de Jerusalém.²⁶⁶

Os autores que se opõem a tal interpretação alegam o fato de que a menção ao “nome” de YHWH é decisiva para que não se possa ver aqui o sacrifício oferecido pelos pagãos.²⁶⁷ Outra alegação é a de que Malaquias não apresenta uma visão universalista da salvação, uma vez que fala contra Edom (cf. Ml 1,2-5) e é contra o matrimônio com estrangeiras (cf. Ml 2,10-16).²⁶⁸

e. Ml 1,11 como uma metáfora

Essa posição é particularmente defendida por Åke Viberg, para o qual as interpretações literais não são convincentes, seja referindo-se ao futuro ou ao presente. Ele traduz o versículo pelo presente, interpretando-o em sentido metafórico.

Segundo Viberg, a base para se entender o texto como uma metáfora está no fato de que, se tomado literalmente, encontram-se incongruências, logo devemos recorrer à metáfora para apreender o seu real sentido.

Para ele só é possível entender Ml 1,11 em conexão com 1,14d-f:

²⁶⁴ Cf. PG 66, col. 605 citado em CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 243.

²⁶⁵ Cf. Clemente de Alexandria, *Stromata* V. Tomo I. Paris. Éditions Du Cerf. p. 241: “*Quant ao profeta Malachie, il fait dire à Dieu expressément: ‘Je n’agrèrai pas de sacrifice de votre main, car du lever du soleil à son couchant, mon nom est glorifié parmi les nations, et en tout lieu un sacrifice m’est offert.’ Et encore: ‘Car je suis un grand roi, dit le Seigneur tout-puissant, et mon nom est célèbre parmi les nations.’ Quel est ce nom? chez les croyants, c’est le Fils, qui révèle le Père, chez le Grecs, le ‘Dieu createur’ (Θεὸς ποιητής).*”; BRIEND, J., *Malachie 1,11 et Le Universalisme*. In: KUNTZMAN, R. [org.] *Ce Dieu qui Vient: Mélanges offerts à Bernard Renaud*. Paris. Éditions Du Cerf. p. 203 nota “33”.

²⁶⁶ Cf. REVENTLOW, H. G., *Die Propheten Haggai, Sacharja und Maleachi*, pp. 141-142; SMITH, R., *Micah-Malachi*, pp. 307-318.

²⁶⁷ Cf. BALDWIN, J., *Haggai, Zechariah and Malachi*, pp. 249.

²⁶⁸ GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, pp. 55-61.

כִּי מִמְזֶרֶחַ-שָׁמֶשׁ וְעַד-מְבֹאֵאֵי	11a	כִּי מֶלֶךְ גָּדוֹל אָנִי	14d
גָּדוֹל שָׁמַי פְּגֻזִּים		אָמַר יְהוָה צָבָאוֹת	14e
וּבְכָל-מְקוֹם מְקַטֵּר מִגֶּשׁ לְשָׁמַי	11b	וְשָׁמַי נִרְאָה בְּגֻזִּים:	14f
וּמִנְתָּה טְהוֹרָה			
כִּי-גָדוֹל שָׁמַי פְּגֻזִּים	11c		

Para o autor, os dois textos, os quais são introduzidos por um כִּי, querem transmitir a mesma metáfora, a saber, que YHWH é um “grande rei”, o que vem expresso na segunda parte do v. 11a pela expressão גָּדוֹל שָׁמַי e em 14d pela expressão similar מֶלֶךְ גָּדוֹל.

Ainda segundo Viberg, a metáfora é uma analogia entre dois domínios conceituais. Ele chama esses dois domínios de “veículo” e “tópico”. O veículo, neste caso, é a expressão “YHWH é rei”, o tópico é o aspecto de YHWH que se quer demonstrar, ou seja, o seu domínio sobre o mundo. Para ele, os vv. 11 e 14d-f têm o mesmo sentido: YHWH governa o mundo com supremacia e autoridade. O centro do problema estaria no v.11b, que seria, então, apenas uma elaboração da metáfora principal, ou seja, “YHWH é Rei” (cf. v. 14d). A origem da metáfora, também encontrada nos assim chamados “salmos reais” (cf. Sl 47,3.8.9; 95,3; 96,4) teria, segundo o autor, origem cultural e, por isso, Malaquias a teria utilizado justamente para se referir ao contexto cultural.²⁶⁹

f. A interpretação teológica

Outros autores preferem seguir outros caminhos interpretativos. Segundo esses autores não é na história e, sim, na teologia que devemos procurar o sentido de Ml 1,11. O que estaria por trás do versículo seria, segundo esses autores, a imagem de YHWH como rei e a teologia deuteronomista do “nome de YHWH”.²⁷⁰

²⁶⁹ VIBERG, Å., *Wakening a Sleeping Metaphor*, pp. 297-319.

²⁷⁰ COGGINS, R.; HAN, J.H., *Six Minor Prophets*, Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011, pp. 190-192; MASON, R., *The Books of Haggai, Zechariah and Malachi*. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977, pp. 142-145; VRIEZEN, T. C., How to Understand Malachi 1:11, In: COOK, J. [ed.] *Grace Upon Grace. Essays in Honor of Lester J. Kuyper*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, pp. 128-136; KESSLER, R., *Maleachi*, p. 154; WILLI-PLEIN, I., *Haggai, Sacharja, Maleachi*, pp. 239-255; MEINHOLD, A., *Maleachi*, p. 133; EHLERT, T. et HAUSOUL, R. R., *Das Buch Haggai, Das Buch Maleachi*, p. 377.

5.3.

Comentário a MI 1,11

O v. 11 constitui como que o ápice de toda a primeira seção da perícope. O v. 11a vem introduzido pela preposição **בְּ**, que se repetirá em 11c e 14d, como elemento de coesão entre os dois versículos. O versículo traz, ainda, uma proclamação da grandeza do “nome de YHWH”. A aparição dos termos **שֵׁם** e **מְנַהֵל** ligam o versículo com o restante da perícope, retomando a temática do “nome de YHWH” que aqui é proclamado “grande”, enquanto pelos sacerdotes tem sido “desprezado” (cf. v. 6e) e “desonrado” (cf. v. 12a); e da “oferenda” que, da parte dos sacerdotes não é agradável a YHWH (cf. vv. 10b e 13f), mas da parte daqueles que a oferecem em “todo lugar” é pura e, portanto, agradável.

O versículo se abre com um merismo, que indica totalidade de espaço: **מִמְּזֶרֶחַ-שָׁמֶשׁ וְעַד-מְבֹאֵז**.²⁷¹ A mesma expressão pode ser encontrada no Sl 50,1 e, também, em Is 45,6 e 59,19.²⁷² Expressão semelhante também é encontrada nas Cartas de Amarna: “*Vois, le roi, mon seigneur, a placé son nom au Soleil levant et au Soleil couchant.*”²⁷³ Esta expressão deixa transparecer a ideologia faraônica. A glória e a majestade do grande faraó eram concebidas como uma realidade estendida a todo o orbe. Malaquias se apropria desta expressão, conhecida também da Bíblia Hebraica, para se referir à grandeza de YHWH, que será colocada no segmento seguinte, grandeza essa que também é concebida como sendo manifesta do Oriente ao Ocidente. A diferença entre o uso que as Cartas de Amarna fazem da expressão e o uso que dela faz Malaquias é que, enquanto nas Cartas de Amarna é um outro que declara a glória do faraó, em Malaquias 1,11a é o próprio YHWH quem declara a grandeza e a glória do seu nome. Isso deixa ainda mais claro a crítica aos sacerdotes, os quais deveriam ser os primeiros proclamadores da glória de YHWH por meio de sacrifícios oferecidos corretamente.²⁷⁴

²⁷¹ Cf. VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, p. 223.

²⁷² Particularmente o texto de Is 59,19 apresenta semelhanças de vocabulário com MI 1,6-14: **שָׁמֶשׁ** e **כְּבוֹד**.

²⁷³ COLLON, D. et CAZELLES, H. [trad.], *Les Lettres d'El-Amarna*, Paris: Éditions Du Cerf, 1987, pp. 515-516.

²⁷⁴ Cf. VRIEZEN, T. C., *How to Understand Malachi 1:11*, pp. 134-135.

A segunda parte do v. 11a retoma a temática do “nome” de YHWH: **גְּדוֹלַת שְׁמִי בְּגוֹיִם**. A referência ao nome de YHWH aparece no início da perícopa, nos vv. 6e e 6g, onde os sacerdotes são acusados de “desprezar” (**בִּזְוָה**) o nome de YHWH; de maneira implícita a temática aparece no v. 12a (**אוֹתוֹ**) e, ainda, no v. 14f o nome de YHWH é dito como sendo “terrível” (**נֹרָא**) entre as nações. Particularmente podemos ver um paralelismo aqui entre 11a e 14f:

11a: **גְּדוֹלַת שְׁמִי בְּגוֹיִם** 14f: **וְשְׁמִי נֹרָא בְּגוֹיִם**

Os dois versículos são muito semelhantes. O que está em jogo é o **שֵׁם** de YHWH. A referência é a mesma nos dois segmentos: as “nações” (**גוֹי**). A diferença entre os dois segmentos está no adjetivo que acompanha o “nome” de YHWH. Em 11a é dito que o “nome de YHWH” é **גְּדוֹלַת** e em 14f que é **נֹרָא**. O adjetivo **נֹרָא** coloca o v. 14f em conexão com o início da perícopa (cf. 1,6), uma vez que este adjetivo pertence ao campo semântico do verbo **יִרָא** e do termo **כְּבוֹד**. O adjetivo **גְּדוֹלַת**, por sua vez, conecta este segmento do v. 11 com o v. 11c e com 14d.

São três as aparições do adjetivo **גְּדוֹלַת** dentro da perícopa: 11a, 11c e 14d. Em 11a e 11c é sempre o “nome de YHWH” que é dito **גְּדוֹלַת**. Em 14d, por sua vez, o adjetivo **גְּדוֹלַת** vem acompanhado do epíteto divino **מֶלֶךְ**. Pode-se constatar então, que a imagem de YHWH presente aqui é aquela de um Grande Rei que habita no Templo e que deve receber homenagens. Toda a perícopa seria como um grande cerimonial de corte, semelhante aos do rei da Pérsia, onde as oferendas seriam encaminhadas ao rei pelos seus súditos.²⁷⁵

O adjetivo **גְּדוֹלַת** possui seus equivalentes nas outras línguas do Antigo Oriente Próximo. No Egito, por exemplo, era utilizado para acompanhar o nome dos faraós, em títulos sacerdotais e, também, acompanhando o nome de algumas divindades. Este último uso, em particular, foi considerado por alguns especialistas como uma possível indicação de um primitivo monoteísmo no antigo Egito.²⁷⁶

²⁷⁵ Cf. WILLI-PLEIN, I., *Haggai, Sacharja, Maleachi*, p. 242.

²⁷⁶ Cf. MOSIS, R.; BERGMAN, J.; RINGGREN, H. **גְּדוֹלַת**. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. II. pp. 390-425.

No que concerne à BH o adjetivo גדול ou a raiz verbal גדל é utilizada em duas diferentes esferas: de um lado, a grandeza de YHWH é proclamada dentro dos textos que pertencem à chamada “tradição de Sião”, especialmente nos salmos onde YHWH é apresentado como rei e nos cânticos de Sião; de outro lado, a experiência do poder de YHWH manifestado na história fez com a teologia da sua “grandeza” também se manifestasse dentro da assim chamada história deuteronomista.

O salmo 48 é um exemplo típico do primeiro uso do adjetivo, pois logo após o título do salmo, o v. 2 se abre com a afirmação: גדול יהוה. Dentro da teologia deuteronomista se encontram textos significativos: em Dt 7,21, YHWH é dito grande e terrível (גדול e נורא), o que conecta, do ponto de vista linguístico, este texto não só com o v. 11 da nossa perícopes, mas também com os vv. 6c e 14f, particularmente este último, onde aparece o adjetivo נורא; em Dt 10,17 encontramos o mesmo par de adjetivos: גדול e נורא; em Js 7,9 a ideia da “grandeza de YHWH” é associada à teologia do nome: ומה־תעשה לְשֵׁמֶךָ הַגָּדוֹל.

Em outros textos deuteronomistas está presente a mesma ideia que no versículo 11b, ou seja, que a grandeza do nome de YHWH será conhecida além das fronteiras de Israel, embora em Ml 1,11 não se considere isso como uma predição futura, mas como uma situação presente cujo significado teológico será explicitado mais adiante. Um exemplo disso é o texto de 1Rs 8,41.42 que afirma que mesmo o estrangeiro de uma terra longínqua ouvirá falar do “grande nome” (שֵׁמֶךָ הַגָּדוֹל) de YHWH e virá ao Templo; o mesmo versículo praticamente se repete em 2Cr 6,32 e a expressão “teu grande nome” é encontrada novamente (שֵׁמֶךָ הַגָּדוֹל).²⁷⁷ Com isso pode-se notar que há no versículo e, quiçá, na perícopes como um todo, influência da teologia real e da teologia deuteronomista, em particular da temática em torno do “nome” de YHWH. Também a ideia transmitida pelo versículo, ou seja, da grandeza de YHWH manifestada a todos os povos, está coerente com o pensamento da BH.

O v.11a termina com a indicação de onde o nome de YHWH é grande: בגוים. Como num desenvolvimento tardio, o termo גוי será entendido como

²⁷⁷ Cf. MOSIS, R.; BERGMAN, J.; RINGGREN, H. גדל. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. II. pp. 390-425.

associado exclusivamente às “nações pagãs”,²⁷⁸ dentro do contexto da perícopa, fica claro que o plural גוֹיִם se refere a estas nações. A sentença como um todo não possui verbo finito, ficando em aberto a questão a respeito da sua temporalidade, a qual deve ser estabelecida a partir do contexto. Apesar das opiniões em contrário²⁷⁹, parece correta a tradução pelo presente, uma vez que Malaquias parece estar indicando aqui o contraste entre o comportamento das nações pagãs e aquele dos sacerdotes de Jerusalém.²⁸⁰ Por esse motivo, não se justifica no texto enquanto tal uma leitura em sentido futuro.

O v. 11b começa com outra indicação espacial, que parece se alinhar com a do v. 11a: וּבְכָל-מָקוֹם; logo em seguida vem indicado o que é feito “em todo lugar”: לְשָׂמִי: מִקְטָר מִנְחָה וּמִנְחָה טְהוֹרָה. O termo מָקוֹם, que ocorre cerca de 400 vezes na BH, quando associado à preposição כּ e à partícula כֹּל constitui uma expressão idiomática, cujo significado é “em todo lugar”.²⁸¹ Dentro do v. 11b encontramos o núcleo do problema. Em torno à temática do שֵׁם de YHWH vêm descritas duas ações culturais das nações pagãs: מִקְטָר מִנְחָה e מִנְחָה טְהוֹרָה.

A primeira dificuldade apresentada pelos autores é a justaposição inicial de dois participios hophal: מִקְטָר מִנְחָה.²⁸² Todavia, o primeiro pode ser entendido com valor substantivado, à semelhança do que encontramos no v. 14c, onde o participio hophal da raiz verbal שָׁחַת vem entendido como um substantivo.²⁸³

O termo מִקְטָר é interpretado de várias formas pelos autores. Alguns o entendem como “oferta queimada”, alegando que a raiz verbal קָטַר significa “fazer subir algo como fumaça”.²⁸⁴ Todavia, esta raiz verbal possui também o significado de “oferecer incenso”.²⁸⁵ Isso faz com que alguns autores traduzam o termo como “incenso”, mas repontuando-o para מִקְטָר.²⁸⁶ Todavia, parece

²⁷⁸ Cf. CLEMENTES, R.E.; BOTTERWECK, G.J. גוֹיִם. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. II. pp. 431-432.

²⁷⁹ Cf. ACHTEMEIER, E., *Naum-Malachi*, pp. 177-181; BALDWIN, J., *Haggai, Zechariah and Malachi*, pp. 246-252; BALDWIN, J., *Malachi 1:11 and the Worship of the Nations in the Old Testament*, pp. 117-124; GLAZIER-McDONALD, B., *Malachi: The Divine Messenger*, pp. 55-61; GELIN, A., *Aggée, Zacharie, Malachie*, pp. 65.

²⁸⁰ Cf. SWETNAM, J., *Malachi 1,11: An Interpretation*, p. 203; Hill, A., *Malachi*, p. 187.

²⁸¹ Cf. GAMBERONI, J.; RINGGREN, H. מָקוֹם. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. pp. 534-535.

²⁸² Cf. McCOMISKEY, T. E., *The Minor Prophets*, p. 1306.

²⁸³ Uma fraseologia semelhante, com a justaposição de dois participios qal, pode ser encontrada em Is 21,2: הַבּוֹיֵג בּוֹיֵג וְהַשּׂוֹדֵד שּׂוֹדֵד.

²⁸⁴ Cf. McCOMISKEY, T. E., *The Minor Prophets*, p. 1306.

²⁸⁵ Cf. KB, V. II, pp. 1094-1095; cf. ALONSO-SCHÖKEL, L. A., *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 579.

²⁸⁶ Cf. CHARY, T., *Aggée-Zacharie-Malachie*, p. 242.

verossímil traduzir o termo como “incenso” sem necessidade de recorrer a este expediente, primeiro apoiando-se na versão da LXX, que traz o substantivo θυμίαμα, e, depois, baseando-se no mesmo princípio que faz com que se traduza o particípio hophal da raiz verbal שָׁחַת no v. 14c como um substantivo. Segundo Chary, Malaquias teria evitado o termo mais usual - קִטְרֶת - com o intuito de se distanciar da forma oficializada do sacrifício de incenso (cf. Lv 4,7).²⁸⁷

O hophal da raiz verbal נָשַׁח parece reger as duas orações contidas no v. 11b, unidas por um ו. O ו copulativo une as duas formas de um único sacrifício que é oferecido pelas nações. Ao sacrifício de incenso se une a מִנְחָה. O termo מִנְחָה, ocorre 7 vezes em Malaquias.²⁸⁸ O termo adquiriu o sentido específico de sacrifício ou oferta “de odor agradável”. No culto oficial, a מִנְחָה está conectada com o sacrifício de animais.²⁸⁹ Para Chary, neste contexto a expressão possui um sentido mais genérico, de oferta cultural, sem indicar o seu conteúdo material.²⁹⁰ Ou, segundo outros autores, מִנְחָה poderia significar “oferenda em homenagem”.²⁹¹

Aqui surpreende os autores o uso do adjetivo טָהוֹר justaposto ao termo מִנְחָה. O adjetivo טָהוֹר é muito recorrente no livro do Êxodo, muitas vezes acompanhado do substantivo זָבַח.²⁹² Uma referência é a presença do termo em Dt 12,22, onde o texto afirma que fora de Jerusalém se poderia imolar e comer a carne das ovelhas e dos bois, o “puro” (טָהוֹר) com o impuro.²⁹³ O termo aparece no AT quase que exclusivamente em livros mais recentes. Das 95 vezes que aparece na BH apenas uma vez encontramos o termo em Malaquias. Cerca de dois terços das aparições do termo são registradas em textos sacerdotais.²⁹⁴

Uma referência antiga seria o texto de 1Sm 20,26. No livro do Deuteronômio o termo aparece seis vezes (cf. 12,15.22; 14,11.20; 15,22; 23,11). O termo se aplica à pureza corporal, moral e cúltica. Os sinônimos do termo na BH quase sempre indicam pureza moral. Poucas vezes o sacrifício é mencionado como meio de purificação e o termo não aparece associado às vítimas para o

²⁸⁷ Cf. CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 244.

²⁸⁸ Cf. WEINFELD, M.; FABRY, H.-J. מִנְחָה. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. VIII. p. 415.

²⁸⁹ Cf. WEINFELD, M.; FABRY, H.-J. מִנְחָה. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. VIII. pp. 417-418.

²⁹⁰ Cf. CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 244.

²⁹¹ Cf. WILLI PLEIN, I., *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*, p. 79.

²⁹² Cf. Ex 25,11.17.24.29.31.36.38.39; 28,14.22.36; 30,3.

²⁹³ LISOWSKY, G., *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 543.

²⁹⁴ Cf. Lv 13,13.17.37.39.40.41; 14,4.57; 15,8; 20,25; 24,4 etc.

sacrifício.²⁹⁵ Essa é uma peculiaridade da perícopa destacada por alguns autores.²⁹⁶

O termo utilizado na BH para definir um animal como apropriado para o sacrifício é o termo תָּמִים. O termo תָּמִים tem o sentido de “estar completo” e aparece cerca de 91 vezes na BH. Ele é utilizado a partir do exílio como uma determinação específica da oferta cultural.²⁹⁷ Particularmente nos textos sacerdotais, ele é específico para indicar os animais “sem defeito”, portanto, apropriados para o sacrifício (cf. Lv 3,1.6; 4,3).²⁹⁸ Algumas vezes aparece associado ao termo זָכָר, que indica um “animal macho” apropriado para o sacrifício, se for também תָּמִים (cf. Lv 1,3.10; 4,23; 23,12). Em Lv 22,19-25 encontramos um texto, onde é indicado que oferecer um animal que não fosse תָּמִים não adiantaria, pois tal vítima não seria aceita em favor do povo.

Segundo Chary, Malaquias quer indicar que o culto oferecido é de uma outra ordem, que conta com a pureza moral dos oferentes, o que torna a expressão ainda mais contrastante seja com a atitude dos sacerdotes que “sopram com desprezo” para a mesa de YHWH (cf. Ml 1,13c), seja para aqueles que fazem um voto, mas na hora do sacrifício oferecem um “estropiado” para YHWH (cf. Ml 1,14c).²⁹⁹

O v. 11c traz a expressão בְּיָגְדוֹל שְׁמִי בְּגוֹיִם, que retoma o tema da grandeza do “nome” de YHWH entre as nações como forma de comparação com a atitude de desprezo dos sacerdotes diante do culto, expressa no pré (cf. Ml 1,6-10) e no pós-texto (cf. Ml 1,12-14).

Dentre tantas possibilidades de interpretação parece que permanece aberta a questão a respeito de onde, como e por quem esses sacrifícios são oferecidos.³⁰⁰ Assim sendo, é verossímil afirmar que, dentre tantas tentativas de explicação que foram dadas para Ml 1,11 ao longo dos séculos, a que mais se coadunaria seria a de entender que o profeta está se referindo ao culto pagão, mas não como

²⁹⁵ Cf. MAASS, F. טהר. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (ed.). *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. v. I. pp. 895-902.

²⁹⁶ Cf. CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 244; BALDWIN, J., *Haggai, Zechariah and Malachi*, p. 249.

²⁹⁷ KOCH, K. תָּמִים. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (ed.). *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. v. II. pp. 1309-1316.

²⁹⁸ Cf. KEDAR-KOPFSTEIN, B. תָּמִים. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. XV. p. 706.

²⁹⁹ Cf. CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 244.

³⁰⁰ KESSLER, R., *Maleachi*, p. 154.

entenderam certos autores como Dentan, Torrey e Lescow e, sim como o entenderam alguns padres da Igreja, como Teodoro de Mopsuéstia, Clemente de Alexandria e autores modernos como Reventlow.³⁰¹

A linguagem utilizada no versículo parece corroborar essa possibilidade de interpretação, uma vez que, o autor evita usar termos técnicos para se referir ao culto e começa o versículo com uma expressão que, embora presente em outros lugares na BH, nos remete a uma linguagem que vai além de Israel, tendo suas raízes na ideologia faraônica. Embora opte-se por traduzir o versículo no presente, pode-se admitir também, uma certa abertura futura do texto, no sentido de que o profeta considera como aceitável o culto oferecido fora de Jerusalém, superando assim a ideia da centralidade do culto presente em Dt 12.

Neste sentido, algumas posições que afirmam que Malaquias prediz o culto puro do Novo Testamento podem ser aceitas, embora o próprio profeta e os primeiros ouvintes da sua mensagem não tenham se dado conta deste sentido que poderíamos chamar de “pleno” do texto.³⁰²

Por fim, pode-se destacar que a interpretação completa do versículo se dá no contexto da perícope, principalmente relacionando-o com o v. 14d: כִּי מִלֶּךְ גָּדוֹל יְיָ. YHWH é o Grande Rei, que não está sendo corretamente cultuado ou honrado pelos sacerdotes de Jerusalém, que lhe oferecem um culto impróprio. Seu comportamento inapropriado também se reflete no do povo, que faz um “voto”, mas na hora do sacrifício prefere oferecer a YHWH um “animal estropiado” e não um animal sadio, que poderia ser fonte de lucro. Essa situação de desprezo com o culto e, conseqüentemente, desprezo com o “nome de YHWH”, ou seja, com o próprio YHWH, é fortemente criticado e o v. 11 entra como reforço dessa crítica, mostrando que, fora de Israel, os pagãos, pensando que oferecem às suas divindades, estão na verdade oferecendo a YHWH e, se oferecem esse sacrifício com reta consciência estes sacrifícios se tornam agradáveis a YHWH, que é na verdade o único Deus, ainda que desconhecido dos pagãos que lhe ofertam sacrifícios sem saber.

Parece que o v.11 se torna quase que parte da ironia do v.9, onde o profeta propõe que tais dons sejam oferecidos ao “governador”. Essa interpretação se

³⁰¹ Cf. notas 266 e 267.

³⁰² Cf. CHARY, T., *Aggée-Zharie-Malachie*, p. 246; VERHOEF, P., *The Books of Haggai and Malachi*, pp. 222-232.

torna plausível uma vez que Malaquias está localizado no pós-exílio, onde a ideia do monoteísmo já está estabelecida no pensamento religioso de Israel. Como destaca Jacques Briend, Malaquias se encontra em um período onde não somente o monoteísmo já está estabelecido, mas também num período onde nasce a consciência de que tudo o que é oferecido a YHWH vem dele mesmo (cf. Is 66,2-4 e 1Cr 29,14). Sendo assim, o mais importante passa a ser a atitude espiritual com a qual o sacrifício é oferecido, mais precisamente, segundo o autor, um “coração humilde”.

Em virtude disso, ainda segundo Jacques Briend, a atitude espiritual das nações pagãs é vista de forma positiva pelo profeta, quando comparado com aquela dos sacerdotes de Jerusalém e, também, do povo (cf. Ml 1,14). Baseado no texto de Ml 2,10, este autor defende que não se deve ver aqui um sincretismo, como se Malaquias estivesse simplesmente considerando como positivo qualquer sacrifício oferecido fora de Jerusalém. O que se dá aqui é a consciência de que há um único Deus que é pai e criador e que tudo quanto lhe é oferecido vem dele mesmo. Sendo assim, conta mais a atitude espiritual do que simplesmente o sacrifício em si.

Do ponto de vista desta atitude espiritual, as nações acabam por oferecer a YHWH, ainda que indiretamente, um culto “puro”, uma vez que aqueles que deveriam conscientemente lhe oferecer um culto perfeito, não o fazem. Por fim, o autor acredita que o que deve haver por trás do texto é um procedimento literário unido a uma formulação teológica, mais do que o desejo de se falar que havia fora de Jerusalém um culto oferecido conscientemente a YHWH.³⁰³

Se há alguma influência do pensamento persa, alguns historiadores não a veem no versículo em si, mas no monoteísmo desenvolvido em Israel no pós-exílio. Gestenberger, por exemplo, acredita que a abertura religiosa dos persas com relação à religiosidade dos povos dominados se dava em virtude da consciência de que as diferentes nações, ao realizarem o culto às suas divindades, indiretamente honravam o grande Deus dos Céus, Ahura Mazda. Essa forma de pensar, segundo esse autor, pode ter influenciado o pensamento religioso israelita, que tomou a mesma atitude entendendo que YHWH é o único Deus, e tudo o que

³⁰³ BRIEND, J., *Malachie 1,11 et Le Universalisme*, pp. 202-204; MAIER, J., *Entre os dois Testamentos: História e Religião na época do Segundo Templo*, São Paulo: Loyola, 2005, pp. 203-206.

se oferece a um deus considerado como o grande criador é, na verdade, ofertado, ainda que inconscientemente, ao próprio YHWH.³⁰⁴

5.4.

Comentário a MI 14d-f

Assim como o v.11 constitui a justificativa da crítica profética ao culto na primeira seção da disputa (cf. vv. 6f-11), os vv. 14d-f constituem a justificativa da mesma crítica para a segunda seção da disputa (cf. vv. 12-14).

Em contraposição imediata com os vv. 14a-c, nos vv. 14d-f a temática da grandeza de YHWH atinge aqui o seu ápice.³⁰⁵ YHWH que no v. 6 é chamado de “pai” e “senhor”, agora é apresentado como um “grande rei” (מֶלֶךְ גָּדוֹל). Toda a segunda seção do oráculo chega ao seu ápice com a proclamação de YHWH como um “grande Rei” (cf. v. 14d).

No v. 14f retoma-se a temática do שֵׁם de YHWH. Agora não é mais associado ao שֵׁם de YHWH o adjetivo גָּדוֹל, mas o adjetivo נִוְרָא. O adjetivo גָּדוֹל, por sua vez, vem associado ao substantivo מֶלֶךְ que indica quem é YHWH, o que vem reforçado pela aparição enfática do pronome אֲנִי, como, aliás, também ocorre em 6b e 6c. A perícope é concluída com palavras-chave presentes em outros versículos que ajudam a interpretar o sentido da mesma perícope. YHWH é “pai” e “senhor” (cf. 1,6a), mas não está sendo nem “honrado” nem “temido” (cf. 1,6bc); o seu “nome”, ou seja, “Ele mesmo”, está sendo “desprezado” (cf. 1,6e), seja por meio de sacrifícios impuros (cf. 1,7a.8a.8b.9b.13e.14c), seja por meio de atitudes que expressam o que se passa nas mentes e no coração dos sacerdotes (1,7d.12b.12c.13b.13c). Fica assim marcado o contraste, seja entre aquilo o que Ele de fato é, um מֶלֶךְ גָּדוֹל; seja entre o comportamento atestado “entre as nações”, que lhe oferecem uma מִנְחָה טְהוֹרָה e consideram o seu “nome” נִוְרָא.

O termo גֹּי é utilizado no Antigo Testamento para definir um povo do ponto de vista político, linguístico e territorial. Embora Israel receba de Deus a promessa de se tornar uma “grande nação” לְגֹי גָּדוֹל (cf. Gn 12,2), o termo mais utilizado para definir Israel como povo será o termo עַם. Principalmente porque o termo גֹּי nunca é usado numa cadeia constructa sendo associado a uma divindade,

³⁰⁴ Cf. GERSTENBERGER, E. S., *Israel in the Persian Period: The Fifth and Fourth Centuries B.C.E.*, Biblical Encyclopedia v. 8, Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2011, pp. 472-473.

³⁰⁵ Cf. GLAZIER-McDONALD, B. *Malachi: The Divine Messenger*, p. 64.

diferentemente do que ocorre com o termo עַם. Somente num desenvolvimento tardio do termo este será entendido como associado exclusivamente a “nações pagãs”.³⁰⁶ Todavia, dentro do contexto da perícopes, fica claro que o plural גוֹיִם se refere a estas nações.

O v. 14f se liga, assim, ao início da perícopes, mais precisamente ao v. 6c. YHWH não encontra nos sacerdote o “temor” (מוֹרָא). Todavia, em contraste com essa afirmação, ocorre a afirmação do v. 14f, onde as “nações” consideram o seu “nome” terrível (נוֹרָא). Os dois adjetivos, מוֹרָא e נוֹרָא, pertencem à mesma raiz: יִרָא, fazendo um jogo de raízes com o v. 6c. A raiz יִרָא que, por sua vez, pertence ao campo semântico da raiz verbal כָּבַד oferece uma moldura para toda a perícopes (honrar/temer YHWH).

³⁰⁶ Cf. CLEMENTES, R.E.; BOTTERWECK, G.J. גוֹי. In: RINGGREN, H.; FABRY, H.-J.; BOTTERWECK, G. J. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. v. II. pp. 431-432.